



A RESISTÊNCIA FEMININA PÓS-MODERNA EM “A REBELIÃO DE MAGNÓLIA”, DE TEREZA ALBUES

Adriana Lins Precioso¹

Marciele Marchesan²

Júlia Ribeiro³

RESUMO

Neste artigo faremos uma leitura do conto “A rebelião de magnólia”, com o objetivo de demonstrar simbolicamente, por meio da associação da flor magnólia, que resiste ao inverno nova-iorquino, uma relação aproximativa com a personagem narradora e a representação da identidade feminina na atualidade. Para tal, será apresentado, de forma sucinta, a identidade no contexto da pós-modernidade e como a narrativa desenvolve o construto identitário de resistência e de autoafirmação da rebeldia feminina. Ao se fazer o percurso da autora, fica evidenciado que, após os adventos que contribuíram para o deslocamento do indivíduo, as identidades encontram-se sob rasura e a identidade feminina, neste contexto, procura se afirmar através de um ato de resistência às imposições e aos padrões sociais em voga, representado pela flor que encontra amparo na cumplicidade narradora.

PALAVRAS-CHAVE: pós-modernidade, identidade feminina, resistência.

POSTMODERN FEMININE RESISTANCE IN A REBELIÃO DE MAGNÓLIA, BY TEREZA ALBUES

ABSTRACT

In this article we will read the short story "The rebellion of Magnolia", with the objective of demonstrating symbolically, by means of the association with the magnolia flower, which resists the winter in New York, an approximate relationship with the narrator character and the representation of female identity nowadays. For this purpose, we will succinctly present, the identity in the context of post-modernity and how the narrative develops the construct of identity of resistance and self affirmation of the female refractoriness. In making the author's course, it is evident that, after the advent that contributed to the displacement of the individual, the identities are under erasure and the feminine identity, in this context, seeks to affirm itself through an act of resistance to

¹ Doutora pela Unesp - Ibilce - Campus de São José do Rio Preto-SP, na área de Teoria da Literatura. Atualmente, pesquisa a produção literária produzida em Mato Grosso, as questões de identidade e diferença, bem como as vertentes fantástica da literatura. Coordenadora e professora do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, nas disciplinas Texto e Ensino e Literatura Infantil e Juvenil, UNEMAT.

² Graduada em Letras (Português/Inglês) - UNEMAT/Sinop. Especialista em Metodologia do Ensino e Língua Portuguesa e Estrangeira - UNINTER/Curitiba. Mestranda em Estudos Literários do PPGLetras - UNEMAT/Sinop.

³ Graduada em Letras (Português/Inglês) UNEMAT/Sinop. Mestranda em Estudos Literários do PPG-Letras - UNEMAT/Sinop.



impositions and to the social standards in vogue, represented by the flower that finds shelter in the narrator complicity.

KEYWORDS: postmodernity, female identity, resistance.

LA RESISTENCIA FEMENINA POST-MODERNA EN "LA REBELIÓN DE MAGNOLIA", DE TEREZA ALBUES

RESUMEN

En este artículo haremos una lectura del cuento "La rebelión de magnolia", con el objetivo de demostrar simbólicamente, por medio de la asociación de la flor magnolia, que resiste al invierno neoyorquino, una relación aproximada con el personaje narradora y la representación de la identidad femenina en la actualidad. Para ello, se presentará, de forma sucinta, la identidad en el contexto de la posmodernidad y cómo la narrativa desarrolla el constructo identitario de resistencia y de autoafirmación de la rebeldía femenina. Al hacer el recorrido de la autora, queda evidenciado que, después de los advenimientos que contribuyeron al desplazamiento del individuo, las identidades se encuentran bajo rasura y la identidad femenina, en este contexto, procura afirmarse a través de un acto de resistencia a las imposiciones y a los patrones sociales en boga, representado por la flor que encuentra amparo en la complicidad narradora.

PALABRAS CLAVE: post-modernidad, identidad femenina, resistencia.

Introdução

Acerca de uns vinte anos atrás, quando falávamos de identidade tínhamos a ideia de algo fixo e unificado, entretanto, na atualidade e com o advento de inúmeras transformações sociais e históricas, constatamos que os indivíduos estão em um espaço multicultural, tentando cada vez mais se adequar e se identificar com grupos distintos e que os representem.

Vaitsman (1994) defende a ideia de que a construção da identidade feminina foi reformulada a partir dos anos 60, devido à sua maior participação no âmbito profissional, educacional, científico, político e também cultural. Essa busca pela independência trouxe mudanças não somente para a própria mulher, mas também para a sociedade e para a família, que passou a se reformular e ter uma estrutura diferente daquela imposta pela sociedade patriarcal.

O fato é que a identidade feminina está em constante transformação, dando origem a um novo conceito de identificação do feminino, visto que existe algo mais denso na procura Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.39.1, p. 01-182, setembro-dezembro, 2018.

dessas mulheres do século XXI, as quais vislumbram o resgate da individualidade, do seu jeito próprio de ser, que ultrapassa a orientação materna, a ditadura da moda e a imposição social. É no aqui e agora que elas persistem em descobrir quem são e onde almejam chegar.

Na literatura essa representação feminina está fortemente presente em obras contemporâneas produzidas por mulheres, que formam uma predisposição para a representação do feminino, onde o discurso da mulher assume um papel influente e artístico, apresentando na obra e se representando como a identidade. Na produção literária de escritoras contemporâneas do Mato Grosso se destaca Tereza Albues, por desenvolver de forma artística todo um comprometimento com o social e com o universo feminino.

A escritora Tereza Albues nasceu em Várzea Grande (1936) – Mato Grosso e faleceu nos Estados Unidos (2005), onde residia com esposo e filhos desde 1980. A mudança de país proporcionou à obra da escritora uma experiência sensível de poder se colocar no lugar do outro, se valendo do olhar do estrangeiro para o interior de seu país, como também, traduzir o sentimento daqueles que necessitam se ajustar à cultura alheia.

Nesta perspectiva, Santos (2011) discute acerca da mulher que fala nos romances e contos de Albues como aquela que dá voz à representação da identidade feminina inserida em um espaço multicultural, pensando na posição que a mulher ocupa na contemporaneidade, nos meios em que vive e nos espaços a que pertence. Ao se remeter à obra da escritora mato-grossense e ao papel da mulher na sociedade contemporânea, o propósito deste artigo é analisar o conto “A Rebelião de Magnólia”, o qual faz parte do livro *Buquê de Línguas* (2008). Lucinda Persona ao apresentar a obra, menciona que as criaturas de Albues, em boa medida, concentram os problemas do meio histórico social contemporâneo. São criaturas que tentam resolver suas tensões e conflitos diários, sujeitos que vivem sua loucura, sua impotência, inquietude e solidão.

O nascimento da identidade feminina

Vivemos numa época de intensas transformações culturais em várias esferas sociais, as quais se fazem refletir nas produções artísticas, como se pode observar: “O impacto cultural promovido por essas mudanças ocorreu primeiramente de forma lenta, todavia, nos últimos dez, vinte anos... houve uma aceleração estonteante e é impossível falar de manifestações artisticamente trabalhadas sem levar em consideração esses novos paradigmas.” (PRECIOSO; SANTOS; SILVA, 2011, p. 105). Como efeito dessas rupturas, produziu-se um indivíduo fragmentado identitariamente, o qual passou a figurar, também, no cenário da literatura.

No que tange ao universo voltado para o feminino após a revolução industrial, fatos como as mudanças relacionadas à luta feminina, contribuíram significativamente para as mudanças na sociedade. Considerando que o artista não permanece inerte ao que ocorre em volta de si, como consequência, tais eventos acabam, de forma inevitável fazendo parte de sua obra: “O criador é um agente ativo e participa da dialética vivida por sua cultura, observa e interfere nos diálogos, nas rasuras e na fragmentação dessas instâncias e produz, por meio da expressão artisticamente trabalhada, as tensões resultantes dos embates dessas culturas.” (PRECIOSO; SANTOS; SILVA, 2011, p. 106). Essas significativas transformações afetaram diretamente o ser humano e, conseqüentemente, sua identidade. O processo da formação da identidade é bastante complexo, não ocorre de maneira pontual em uma fase da vida, visto que é um processo que se desenvolve ao longo do tempo, no qual o indivíduo pode ter uma ruptura consigo mesmo buscando se reinventar.

A identidade é uma característica fundamental da experiência humana e vários são os fatores que se somam para que ela ocorra, como “determinismo biológico, aspectos psicodinâmicos, cultura, interação social, entre outros.” (MATOS, 2005, p. 19). O que possibilita que o indivíduo se constitua enquanto sujeito no mundo social.

Para tornar mais claro esse conceito, Hall (2002) distinguiu três concepções a respeito da identidade. A primeira é proveniente do sujeito do Iluminismo, o qual estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia em um núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se

desenvolvia, ainda que pertencendo essencialmente o mesmo, contínuo e idêntico a ele ao longo de sua existência. O centro essencial do eu era a identidade da pessoa. O segundo sujeito seria o sociológico, o qual refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com as outras pessoas importantes para ele, as quais mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos, enfim, a cultura do mundo que ele habitava. De acordo com essa visão, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o seu eu real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem.

Entretanto, ainda segundo Hall (2002, p. 12): “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas.” Uma vez que o cenário das estruturas sociais do mundo moderno entrou em colapso e de tal modo, acabaram por refletir nas localizações identitárias dos sujeitos inseridos neste contexto.

Sabemos que essas concepções estão ainda sofrendo alterações. Esse processo de transformação e instabilidade produz o sujeito dito como pós-moderno, sendo aquele que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade tornou-se móvel, fragmentada, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e nos processos sociais em que o indivíduo se submete durante a vida. Portanto, o sujeito assume identidades diferentes em momentos distintos.

A escrita dita pós-moderna assume características nem sempre fáceis e claras de se definir, como ocorre com o próprio termo, porém, conforme Karl Erik Schollhammer:

Apesar de representar um retomo aos temas tradicionais da fundação da nação, da história brasileira e do desenvolvimento de uma identidade cultural, esses romances representam, ao mesmo tempo, uma reescrita da memória nacional da perspectiva de uma historiografia metaficcional pós-moderna. (2009, p. 29).

Desse modo, o conto “A rebelião de Magnólia” se configuraria neste contexto pós-moderno, pois a narrativa é contada em forma de diário, além da própria disposição estrutural do texto e a temática da busca por uma identidade feminina da mulher de seu tempo se mostra recorrente.

Os vários fragmentos e registros da identidade feminina estão expressos nas relações interpessoais, na maternidade e na profissão. Na era pós-moderna, Vaitsman pondera:

A identidade, como o casamento e a família, também tornou-se plástica e flexível, mas isto não quer dizer que o indivíduo tenha anulado sua individualidade ou, mais ainda, transformando-se em simulacro do humano. Ele não perdeu sua capacidade de sentir, criar e produzir mudanças; ainda quer algum tipo de segurança e estabilidade, não se deixando, necessariamente, atolar nas correntes de mudanças caóticas e fragmentárias, como se isso fosse tudo que existisse. Há sempre resistência, invenção e construção de novos caminhos de interação e formas de sociabilidade. (1994, p. 110).

Na narrativa de Albués de modo geral, podemos verificar que a identidade feminina se firma e se representa no espaço multicultural do qual fazemos parte, segue, desse modo, uma tendência: “Obras contemporâneas escritas por mulheres formam uma tendência à representação ou expressão do feminino que garante um espaço em que o discurso da mulher assume um papel influente e artístico, apresentando e se representando como identidade.” (PRECISOSO; SANTOS; SILVA, 2011, p. 25). A mulher que fala nos romances e contos de Tereza dá voz à representação da identidade feminina nesse espaço de inúmeras culturas distintas, compondo uma forma de expressão não caracterizada pela essência do feminino, mas pensada na posição que a mulher ocupa na contemporaneidade, nos meios em que convive e nos grupos aos quais pertence.

A REBELIÃO DE DENTRO PARA FORA: CUMPLICIDADE E FEMINILIDADE COMO ALIADAS

O conto “A rebelião de Magnólia” é narrado como se fosse um diário, se inicia no mês de novembro e se estende até março, nesse período, a magnólia-mater resiste ao frio nova-iorquino e contraria a ordem que se diria: “natural das coisas”. Nesta perspectiva, a flor que encontra apoio na sua aventura de transgressão na narradora e nas olicas é tida no contexto da pós-modernidade, na qual a narrativa é estruturada, como um ser estranho, o qual não se encaixa no mapa cognitivo, moral e estético do mundo, causando assim, o estranhamento, como afirma Bauman: “Os estranhos exalaram incerteza onde a certeza e a clareza deviam ter imperado.” (BAUMAN, 1998, p. 28). A flor aparece como aquela que não se adequa ao que se espera dela, o que causa um certo espanto em quem presencia a sua insistência em florir naquele período da estação inapropriado para tal.

Considerando que no inverno o destino das árvores é tido como certo, ou melhor, a morte, mesmo aquelas que teimam em não se recolher ao gélido inverno que chega: “Mas a luta, mesmo insana, não durará tanto assim. Elas irão por terra. A morte as colherá hoje ou amanhã. Seu destino não será modificado.” (ALBUES, 2008, p. 33). Já estava selado a sina de magnólia, assim como das demais flores.

Porém, a Magnólia se mostra livre dos padrões naturais impostos. Nesta perspectiva, se entende, mesmo se tratando de um fenômeno relativo ao clima, no conto se configura como exemplo de fracasso da tentativa moderna de ordenar para melhor controlar as pessoas e as coisas. O que pode ser observado no excerto a seguir:

[...] o que prevaleceu foi que o indivíduo ou os conjuntos sociais podiam modelar uma história sem cessar. Desde as Luzes, que lançam seus últimos sinais em nossos dias, os diversos filósofos próprios dessa época insistiram, todos, sobre uma ideologia da supremacia, uma lógica da dominação das pessoas e coisas. É possível diante da dificuldade cada vez maior de controlar e de reger pessoas e coisas, que a volta do “destinal” – essa coisa em relação à qual não se pode fazer muito – nos devolva a um pensamento de mudança, ou seja, aquele que faz com que o ser esteja em perpétuo devir. (MAFFESOLI, 2001, p. 38).

Mesmo diante de toda ordem imposta para que todos sigam o seu caminho conforme os padrões sociais em voga há sempre os que fogem dessa premissa e querem ser livres para o que quiserem ser.

A natureza mostra sua rebeldia, protagonizada pelo pé de Magnólia, irredutível no seu objetivo, vingar-se fora do tempo. A luta travada pela flor e seus botões perseverantes demonstra um desejo pela liberdade de ser, de florescer quando se quer, mesmo com a natureza ditando o seu momento ideal de aparecer. Apesar dos riscos e das incertezas quanto ao futuro, sabido pela árvore, a chance de desfrutar daquele momento ímpar de vir a ser é maior, pois o momento presente se configura como um júbilo, e chega a dar inveja em quem narra: “A vida que se vê pulsando nos botões dá inveja, às vezes, pena; porque o fim se aproxima, quem não sabe? Eles não sabem. A pena é só nossa, nesta pretensão absurda de querer antecipar o futuro.” (ALBUES, 2008, p. 34). Porém, a dádiva da vida está naquilo que não se sabe prontamente: “talvez, ao viver assim por tão pouco tempo (como se nossa vida não fosse temporária...), com a ilusão de que continuarão vivos durante o inverno, não lhes seja infinitamente gratificante? A felicidade está naquilo que se quer e que se acredita possuir.” (ALBUES, 2008, p. 34). Essa procura por algo que não se está previamente no roteiro da vida, como uma busca por algo que ainda não se sabe bem o que é. Segundo Maffesoli, como a certeza do tempo que passa e de como é precioso saber e poder vivê-lo:

De alguma forma, está aí a expressão mais evidente do tempo que passa, da inexorável fugacidade de todas as coisas, de sua trágica evanescência. É tal irreversibilidade que está na base desse misto de fascinação e de repulsa que exerce tudo aquilo que se parece com mudança. [...] E isso de um modo tanto mais obsessivo quanto o próprio do destino é ser indomável. (MAFFESOLI, 2001, p. 38).

De modo que, assim como o destino que não há como se prever o seu curso, a possibilidade da busca da liberdade fascina muitos, mas amedronta aqueles que não querem se sentir inseguros. Esse não é o caso de magnólia-mater, que encara a incerteza da

sobrevivência ao inverno, quer passar por ele inabalável.

Na narrativa de Albues, há uma expectativa pelo nascimento da flor de magnólia perpassada pela fluidez dos tempos, tendo como cenário a fria cidade de Nova Iorque e seus habitantes, por assim dizer, apressados e sem tempo para perceber a luta de uma simples flor: “O que virá depois? E o nova-iorquino quer saber? Goza o momento, como os ciganos, que não olham para o passado ou o futuro, só o agora conta.” (ALBUES, 2008, p. 36). No quintal, a teimosa magnólia, que insiste em florescer no inverno, contrariando assim, todas as expectativas para tal acontecimento: “A magnólia trava outro tipo de luta. Resolveu florescer, imagine!” (ALBUES, 2008, p. 34). Indiferente aos habitantes pragmáticos da cidade, a flor trava sua luta para vencer o ambiente inóspito que a rodeia.

A narradora observa em seu quintal aquela flor rebelde, que não responde ao que se esperaria dela naquele ciclo sazonal, ela quer dar o ar da graça em pleno inverno e de alguma maneira, há um elo nascente entre elas: “Olhar para esta árvore, a ponto de florescer, contra quaisquer ditames da estação, é uma inspiração.” (ALBUES, 2008, p. 35), a fazendo perceber que, somente os rebeldes mudam a humanidade, os que se atrevem. Como as grandes personalidades da História, a árvore deseja revolucionar a natureza e isso a comove.

Na torcida pela vitória do pé de magnólia a narradora se utiliza da arma que possui: a escrita, como se a arte e a natureza fossem capazes de alcançar a mais longínqua escuridão, se doam uma à outra: “Ao ser captada em diferente forma de expressão, ela não poderia ampliar suas raízes a ponto de adquirir nova fonte de energia? Talvez. E na dúvida, vou fazendo que julgo, certo. Sou sua aliada; através da palavra.” (ALBUES, 2008, p. 37), na impossibilidade de conter o frio que avança. O contexto da pós-modernidade, onde a narrativa de Albues figura é o cenário em que a compressão espaço-tempo tende a ser recorrente.

Cabe aqui mencionar, nesta perspectiva, a respeito das mudanças nas estruturas sociais causadas por rupturas nos discursos do conhecimento moderno e que culminaram com essa nova realidade a qual o sujeito vivencia e que está presente nas narrativas assim como ocorre com Albues. Tais mudanças são pontuadas por Stuart Hall (2002), a primeira diz

respeito às tradições do pensamento marxista; a segunda sobre a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud; segue com o linguista estruturalista Ferdinand de Saussure, outra figura importante para o direcionamento da maneira como se pensa no termo identidade hoje, pois de acordo com Saussure, a língua preexiste a nós e não somos seus autores.

A “genealogia do sujeito moderno” do filósofo e historiador francês Michel Foucault, destaca um novo tipo de poder, chamado de “poder disciplinar”. Há no trabalho de Foucault, embora desenvolvido em instituições coletivas, a aplicação do saber que “individualiza”, pois quanto mais organizada e acentuada é a vigilância, mais há a tendência do sujeito ser individual. Por fim, está o movimento feminista, que emergiu na década de sessenta, fazendo parte dos “novos movimentos sociais” que tomaram força, assim como os estudantis e demais associados ao ano de 1968.

Segundo Stuart Hall (2002), um dos adventos que levou a essa condição de perda do sentido de si mesmo, além das modificações mencionadas acima, as quais abalaram e fragmentaram o indivíduo quanto à sua identidade cultural inserido neste novo contexto, cunhado de pós-moderno, foi a globalização. Tal advento fez com que as distâncias parecessem não existirem mais: “a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.” (HALL, 2002, p. 69). No entanto, esse sentimento de pertencimento e de proximidade no mundo proporcionado graças à tecnologia não se estende as relações humanas.

No conto “A rebelião de Magnólia” a questão do tempo-espaço comprimido se faz notável no momento em que as memórias da narradora a levam para outro país, o Brasil, uma realidade distante do lugar onde ela se encontra, os Estados Unidos:

Dia 2 de fevereiro / Dia de festa no mar / Eu quero ser o primeiro / A saudar Iemanjá – canta Dorival Caymmi, nesta data consagrada a Iemanjá. No Brasil, os festejos sacodem Salvador. Cânticos e louvores ressoam por toda cidade; nas praias, as oferendas, ondas de flores para a rainha do mar. O sol e a fé esquentando os corações baianos. A temperatura está subindo. Na Bahia e em Nova York. Os botõezinhos sorriem. No ar, uma promessa de vitória. (ALBUES, 2008, p. 39).

O tom autobiográfico e saudoso da narradora parece enxergar na flor algo em que se amparar e a magnólia representa um símbolo para ela, como um reinventar-se diante de condições pouco favoráveis. As duas criaturas distintas em suas espécies são cúmplices, a narradora e a flor. Talvez haja algo em comum entre elas, seria o mesmo desejo em transbordar-se livres? Visto que, ninguém além da atenta narradora teve a perspicácia de notar uma flor relutante ao frio de Nova Iorque: “Algumas vezes toco em seus galhos, enternecida; uma sensação de que entre nós se estabeleceu um elo de compreensão e solidariedade; uma sensação sutil que amorna o íntimo. Ele sabe que eu sei; eu sei que ele sabe; nos fechamos em copas.” (ALBUES, 2008, p. 39). Assim, é demonstrado uma relação improvável, conivente entre as partes. O capricho de magnólia em querer mostrar-se naquele clima inóspito, remete ao desejo da flor em não se emoldurar nos padrões esperados, narrado a seguir:

[...] parece que no quintal alhures algo se remove, não se sabe se o tempo, as estações, o código dos homens; algo se rompe e se concretiza adiante, à força do que se constrói com a própria língua, que, mesmo não sendo de fogo, caiu dos céus e flamejou a terra roxa de paixão pela possibilidade do novo, do novo a se insurgir contra o ranço de comportamentos tido como imutáveis. A magnólia é um símbolo, uma fábula, ou quem sabe parábola, não há um gênero onde enquadrá-la porque ela não pertence a nenhum gênero que possa ser enquadrado; como flor é claro, entrou no jogo, mas ela, esta magnólia, não é aquela, a catalogada, é outra. (ALBUES, 2008, p. 41).

Pode-se fazer a leitura, a partir desse excerto, de que com os avanços da modernidade, o indivíduo teve a consciência de que aquelas verdades estabelecidas no passado caíram por terra, de que o fim chega, de que o ser humano não é o centro do universo e não é dotado de total razão e sabedoria como apregoava nessa era. Restou ao sujeito desfrutar do agora, do fugaz tempo que escorre por entre os dedos, os que realmente se atrevem, como a flor-personagem de Albués. A magnólia representa, nesta investida, o ser que se arrisca ao seu destino incerto, numa trajetória sem fins certos: “A experiência dos que se empenham no jogo chamado liberdade é tão incerta, contingente e inconclusiva como seu destino.” (BAUMAN,



1998, p. 246). Mesmo correndo os riscos, a flor irrompe em sua sina, ela quer sobreviver. No gelado inverno os botões de magnólia seguem sendo ajudados pela observadora que espanta quaisquer perigos que apareçam, como o esquadrão de corvos que ameaçam a futura florada: “Tomada pela indignação, espantei-os com a fúria de Cristo quando expulsou os vendilhões do templo.” (ALBUES, 2008, p. 42). A narradora segue como aliada e protetora da flor de magnólia.

Além dos terríveis corvos surge um bando de gaivotas, porém essas vêm para ajudar a proteger o pé de magnólia na guerra travada pela sobrevivência. Os botões saem ilesos com esses reforços preciosos: “Dispersam-se os inimigos, aos gritos, voando em ziguezague. Em segundo, os corvos não passavam de fiapos negros indistintos, dissolvendo-se no horizonte.” (ALBUES, 2008, p. 43). Após o barômetro cravar 14 graus, a temperatura enfim se eleva. Depois do cuidado e da proteção de sua amiga e cúmplice, os botõezinhos ganham volume e estão curiosos para ver o mundo, se descobrindo: “A pele de uma pré-adolescente, curiosa, experimentando o pó-compacto pela primeira vez; olha-se no espelho, busca os efeitos do cosmético, ansiosa; tentando antecipar sensações quando desabrochar, a mulher, a flor, a vida.” (ALBUES, 2008, p. 43), como aquela sensação da descoberta de algo vivido pela primeira vez. Novamente vem como flashes as memórias da narradora, o momento da ansiosa espera pelo florescer de magnólia remete a lembranças calorosas: “Bisavó Teodora dança, as saias rodadas, multicoloridas, feixes de energias envolvendo a árvore.” (ALBUES, 2008, p. 43). Como se aquele instante pedisse acalento, um colo quente de uma “bisa”. O modo como é posto na narrativa as recordações da narradora, como a anterior, vem de encontro ao que Hall aponta em seu conceito de identificação nos estudos acerca da “identidade cultural, aquele eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muito outros eus – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhadas, mantém em comum.” (HALL, 2000, p. 108). Santos, amparada em Hall, pontua a partir desse termo: “a identificação é explicada como uma moldagem de acordo com o outro, o processo em que o indivíduo projeta suas expectativas e idealiza, colocando-o como objeto de sua fantasia, o ego ideal.” (SANTOS, 2001, p. 2). Dessa

maneira, a narradora se volta para suas recordações familiares que de certa forma a ajudam a viver em um lugar diferente daquele de onde ela veio.

Apesar de a narradora estar em um local que destoa do que parece ser o seu de origem, o Brasil, ainda permanece algo que a faz lembrar de onde veio, de como se constituiu enquanto sujeito social. Enquanto lá fora, os americanos-do-norte sequer poderiam supor o que se passava naquele quintal “que acolhe a magnólia no seu ventre morno e lhe fornece a seiva de suas entranhas.” (ALBUES, 2008, p. 44). Entretanto, lá dentro, aquela rebelião era vista com bons olhos, a fertilidade era esperada. Talvez as outras magnólias dos outros quintais não encontrassem o que “aquela” magnólia encontrou para viver, pois estão secas e sem vida logo adiante, numa submissão total ao inverno.

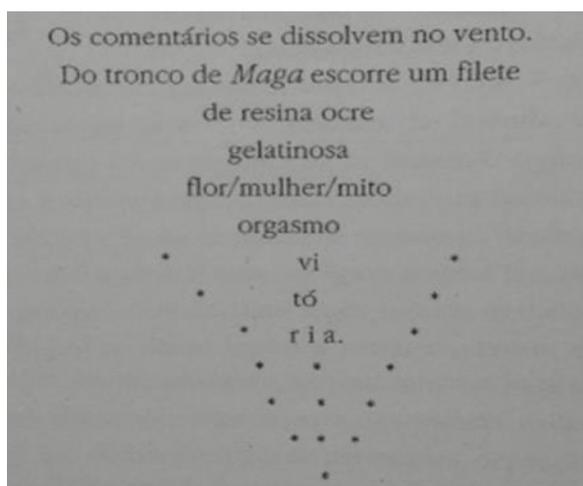
Há algo de sagrado na árvore, a qual a narradora, íntima, a chama de Maga. Como se a proximidade do nascimento da flor enchesse de esperança a quem com ela compartilhava daquela sensação de renascimento, fazendo referência ao que Maffesoli menciona a seguir:

Há, de fato, em determinados momentos, alguma coisa que remete à pureza das iniciações. Uma espécie de beleza virginal rica de múltiplas possibilidades [...] Serve de anamnese àquilo que foi um ato fundador: de um amor, de um ideal, de um povo, de uma cultura, e por aí revigora a entidade em questão, redinamiza-a e lhe dá uma nova vida. (MAFFESOLI, 2001, p. 39).

Os botões da magnólia se encontram naquele contexto da narrativa, como um símbolo de recomeço, depois da luta travada contra a estação mais fria do ano. Instaurando a partir de seu nascimento, uma nova história iniciada naquele quintal, mas que certamente, não ficará restrito àquele espaço, pois os olhos atentos da narradora acompanham ansiosos pela hora esperada.

Ao final do conto, da maneira como as palavras encontram-se dispostas, se tem a impressão do formato de um útero que resistiu até o fim para gerar a vida. Grande é o espanto dos que vivem sob o julgo social e as normas impostas: “Sua exuberância intimida e acalenta; escandaliza e acolhe; pensamentos, atitudes, pontos de vista, discussões, argumentos. O bairro comenta, aponta, julga; assombro, censura, receio, o fim do mundo? Como é que pode?”

Florescer no inverno? Não é uma aberração?” (ALBUES, 2008, p. 45). Enfim, o florescer da vida e da resistência aos enquadramentos vence:



(ALBUES, 2008, p. 45)

Na cumplicidade entre o elemento feminino flor e a mulher foi transposta as agruras climáticas sofridas pela Magnólia e as adversidades sociais que a mulher encontrou num ambiente em que se sentiu como estrangeira, como diferente. Assim ocorre quando há união entre os iguais, neste caso, a feminilidade venceu a inhóspita sociedade opressora, promovendo a relação de troca representada por ambas.

Considerações finais

Ao se pensar na fusão de culturas proporcionada pelas mudanças causadas pelos fenômenos sociais, mais acentuadamente no último século no multiculturalismo, podemos pensar também na própria arvoreta, a magnólia, a qual assume um protagonismo no conto de Albués, que tem origem asiática, mas que acaba sendo levada a outros continentes, tentando se adaptar às novas regiões e assim construindo um novo processo de sobrevivência e mudando seu ciclo de vida. Do mesmo modo, a personagem que narra também se encontra num espaço cultural marcado pela diferença, o que acaba gerando uma tentativa de afirmação

enquanto sujeito, que encontra na resistência da flor a inspiração para também manter-se viva.

A magnólia da narrativa de Albués é uma alegoria que representa a personagem feminina, a qual assim como a planta está aprendendo a viver em um novo ambiente, se adaptando a uma nova realidade social, sofrendo o estranhamento do outro e tentando se firmar num espaço que não pertence a ela. Assim como afirma Hall quando pontua que: “As identidades parecem invocar uma origem em um passado histórico com o qual elas continuam a manter uma certa correspondência.” (2000, p. 108-9). De mesmo modo ficou aparente também no conto, quando a narradora se voltava para o seu passado, cultivado em suas memórias por alguns momentos durante a narrativa. Ao que parece, em meio à sua nova realidade de vida, ela cultivava o que a constituiu identitariamente, suas origens.

A narrativa proporciona um encontro simbólico entre a personagem e a planta, pois ambas passam pela resistência do tempo e a contestação social. Em pleno inverno novaiorquino a árvore teima em produzir lindas flores, as quais resistem às mais baixas temperaturas, enquanto a personagem mulher resiste na luta diária da sociedade e busca seu espaço, independentemente das críticas, julgamentos e censura que iria sofrer das demais pessoas que a desconheciam.

Essa disposição nos mostra que a rebelião acontece com a personagem/planta, mas ocorre no interior delas, uma vez que as mudanças sempre partem de dentro dos indivíduos. Além das mudanças no comportamento ocorrem transformações e sensações corporais, onde o orgasmo é posto como o ápice da vitória, pela qual a mulher se emancipa, conquista sua liberdade e reafirma sua identidade na sociedade.

Referências

ALBUÉS, Tereza. **Buquê de Línguas**. Mato Grosso: Carlini & Caniato, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



_____, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu de (org.). *Identidade e diferença: à perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MATOS, Vera Lúcia Dantas. **A Mulher na Pós-Modernidade: uma breve reflexão sobre identidade, papéis sociais e emoções**. 2005. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3057/2/20060072.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2017.

PRECIOSO, A.L.; SANTOS, L.A.O.; SILVA, R.R.; Tereza Albues e o papel transculturador no pós-modernismo. **Revista de Letras**. v.51, n.2, p.101-118, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/4640/4452>> Acesso em: 23 jan. 2017.

PRECIOSO, A.L.; SANTOS, L.A.O.; SILVA, R.R.; Identidade feminina no espaço multicultural: a voz narrativa de Tereza Albues. **Revista Cerrados**. v. 20, n. 32, p. 24-40, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/8398/6394>> Acesso em: 22 jan. 2017.

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. A Narrativa de Tereza Albues: Espaço Urbano e Cultura. **XII Congresso Internacional da Abralic**. 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0934-1.pdf>> Acesso em: 23 jan. 2017.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.